

2008: UM ANO DE VIRAGEM?

por Mário Soares

O ano de 2007 não vai deixar saudades especiais, no Mundo tão inseguro, incerto e complexo em que vivemos.

Na União Europeia, a presidência portuguesa - é de justiça reconhecê-lo - cumpriu os seus objectivos, com assinalável êxito. Para além das Cimeiras em que a União se empenhou - com o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África - da assinatura, em Strasbourg, da Carta dos Direitos Fundamentais, vinculativa para todos os europeus, o Tratado de Lisboa foi subscrito pelos 27 Estados membros, incluindo os representantes do Reino Unido que, como sempre, obtiveram concessões e puseram restrições...

A União Europeia, assinado o Tratado, respirou de alívio, depois de um longo e desgastante impasse. Contudo - atenção - faltam as ratificações do Tratado, nos Parlamentos nacionais e, pelo menos no caso da Irlanda, por referendo. Façamos votos - e trabalhemos - para que o pior não aconteça. Seria fatal para o futuro colectivo da União Europeia e para a sua credibilidade exterior.

Em Bali, depois de longas negociações e interpelações patéticas, da crítica frontal de Al Gore à política governamental do seu próprio país - e do veemente apelo final do Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon - a pressão da opinião pública mundial obrigou os Estados Unidos, o maior poluidor mundial, a aceitar reduzir as emissões de gás com efeitos de estufa, juntando-se, assim, à China e à Índia.

Foi mais um sinal de mudança na política dos Estados Unidos, em vésperas do ano final do mandato de Bush - e uma vitória da União Europeia - no momento em que o candidato democrata Barack Obama parece estar a par de Hillary Clinton, nas intenções de voto dos norte-americanos. O apoio desassombrado a Obama dado pela popular apresentadora da televisão, Oprah Winfrey, também ela afro-americana, parece ter sido muito eficaz e significativo. É mais um sinal da mudança possível.

No entanto, e apesar destes sintomas positivos, o ano que aí vem, 2008, não parece ser auspicioso. Os sinais de crise financeira que afectam as bolsas mundiais, podem, com alguma probabilidade, conduzir a uma crise económica séria, com reflexos inevitáveis na Europa. O capitalismo financeiro e especulativo - afastado da economia real, produtiva e sem controlo possível - parece ter perdido a cabeça, no dizer de Stiglitz. Está, de facto, a trazer grandes embaraços ao desenvolvimento global, afectando países emergentes, como a China.

Por outro lado, as desigualdades sociais são cada vez mais profundas, quer nos países ricos quer nos países pobres. Daí, a crispação de muitos países e as revoltas sérias das populações, mesmo nos Estados desenvolvidos. O neo-liberalismo, como ideologia, que nos últimos anos, tanto influenciou os Estados Unidos, seu criador, alguns países emergentes e a própria União Europeia, mesmo nos países cujos governos se reclamavam da social-democracia, do trabalhismo e do socialismo democrático, parece estar hoje em vias de esgotamento. Mas não surgiram ainda alternativas consistentes e com alguma coerência teórica intrínseca. Sabe-se tão só que a globalização económica deve sujeitar-se a regras éticas e ter uma dimensão social e ambiental, para se poder evitar uma catástrofe. Mas, para tanto, é necessária vontade política - e coragem - dos que dirigem o Mundo.

Num tal quadro, com as guerras em curso, sinais preocupantes do nosso tempo - no plano económico, institucional e religioso - é muito difícil fazer previsões. Há, no entanto, um sinal de esperança: o facto de estar a surgir uma opinião pública mundial, informada e que se vai habituando a compreender os acontecimentos, para além das aparências. Começa a saber manifestar-se e a contar nos complicados equilíbrios estratégicos mundiais...

Lisboa, 17 de Dezembro de 2007